

# Centenário de um clássico de Horacio Quiroga:

WILSON ALVES-BEZERRA

## “O Travesseiro de Pena”



**WILSON ALVES-BEZERRA** é professor de Língua Espanhola e suas Literaturas da UFSCar, tradutor e autor de *Reverberações da Fronteira em Horacio Quiroga* (Humanitas/Fapesp, no prelo).

# H

há exatos cem anos, nas páginas do magazine portenho *Caras y Caretas*, o contista uruguaio Horacio Quiroga (1878-1937) publicava pela primeira vez um conto que se tornaria um clássico da literatura de horror na América Latina: “El Almohadón de Plumas”<sup>1</sup> (“O Travesseiro de Penas”). A recém-casada Alice, em sua lua-de-mel, adocece por uma estranha *influenza*, cuja sinistra causa se ignora.

Realizava-se assim, na Buenos Aires do início do século, sem alarde, nas páginas sequer numeradas daquela revista de variedades, um singular encontro: o horror suscitado pelos contos do norte-americano Edgar Allan Poe entranhava-se na pluma ainda mais contida do uruguaio Quiroga, no espaço apertado de uma página e meia, duas colunas, duas ilustrações, para o medonho deleite dos incautos leitores portenhos.

A influência de Poe em Quiroga ainda sofreria metamorfoses, principalmente quando Quiroga mudasse o ambiente de seus contos de Buenos Aires para a distante e inóspita selva de Misiones (na fronteira com Brasil e Paraguai), produzindo páginas memoráveis como *A la Deriva* (1912) e *Un Peón* (1918).

Ao depararmos com essa página e meia, nos damos conta de que então não se cogitava que, menos de vinte anos depois, revistas *vanguardistas* sob o comando de jovens como Jorge Luis Borges (1899-1986) e Oliverio Girondo (1891-1967) iriam se alinhar no *front* literário portenho combatendo os magazines como *Caras y Caretas* e a literatura de autores como Horacio Quiroga. A razão principal do combate, nos dirá Beatriz Sarlo, por fazer parte daqueles escritores que “fazem dinheiro com a arte”<sup>2</sup>.

A página e meia de *Caras y Caretas* que a *Revista USP* agora reproduz amarelaria ainda mais até que, meio século depois, o mercado reconfigurasse o campo de batalhas, com o *boom* latino-americano, e que um de seus principais autores, o argentino Julio Cortázar (1914-84), contribuísse para recolocar Quiroga, uma de suas influências narrativas, no justo patamar de mestre do conto<sup>3</sup>.

Certamente nada disso se poderia imaginar em 1907, quando nem a literatura tinha grande prestígio na grande imprensa<sup>4</sup>, e Quiroga tampouco era escritor consagrado.

1 A primeira edição do conto trazia “plumas” no plural, a versão final do conto estabelecida pelo autor opta pelo singular.

2 Beatriz Sarlo, “Vanguardia y Criollismo: La Aventura de Martín Fierro”, 1982. Não é demais lembrar que, se por um lado os jovens vanguardistas faziam pouco da obra de Quiroga, a geração de esquerdistas de revistas como *Los Pensadores* igualmente mantinha postura crítica em relação ao autor, por sua falta de “engajamento político”. Ver, a esse respeito o artigo de Elias Castelnuovo, “La Tragedia de Horacio Quiroga (Consideraciones sobre su Vida y su Obra Ante su Muerte)”, in *Claridad*, nº 311, Buenos Aires, março/1937.

3 Cortázar refere-se à importância de Quiroga em seus artigos sobre o conto como “Do Conto Breve e Seus Arredores”, “Alguns Aspectos do Conto”, que se encontram traduzidos por Davi Arrigucci Jr. e João Alexandre Barbosa na coletânea *Valise de Cronópio* [Perspectivas]. Alguns de seus contos podem ser lidos como reescrituras dos contos de Quiroga.

4 Na passagem do século XIX ao XX, nas páginas dessa mesma *Caras y Caretas*, os editores pagavam mais a seus colaboradores que mandassem fotos que aos com contribuições literárias (cf. Eduardo Romano, “La Oferta Inicial de *Caras y Caretas*”, in *Hispanérica*, nº 68, Gaithersburg, MD, 1998, pp. 19-28).

Borges era ainda um menino de oito anos, e Cortázar ainda tardaria sete anos para nascer. Curiosamente será Cortázar um dos escritores que por sua obra demonstrará como a distância entre Borges e Quiroga é mais geracional que estética. Cortázar compartilharia com Quiroga não só a afinidade com Poe, de quem traduziria diretamente do inglês ao espanhol toda sua obra, mas com a temática fantástica, iniciada por um conto que viria a ser celebrado, “Casa Tomada”, e que um dia entregaria nas mãos do já consagrado Borges, para a publicação na revista *Sur*.

Todos esses encontros já estavam refigurados, latentes, na página e meia que agora a *Revista USP* traz de volta à luz: o encontro de Quiroga com Poe; o desencontro de Quiroga com Borges, o reencontro futuro entre Quiroga, Poe e Cortázar, num conto como “Axolotl”<sup>5</sup>.

Aí estão potencialmente todas essas marcas, como outras, mais visíveis, igualmente contemporâneas, reveladas pelo próprio autor em seus muitos artigos: as angústias do escritor que deve fazer seu texto caber no espaço exíguo da página da revista<sup>6</sup>; o baixo valor que o escritor recebe por essas colaborações<sup>7</sup>; as meticulosas correções que mediam a apressada entrega do original à revista, e a demorada espera para a publicação do mesmo em livro – um lapso temporal de dez anos no caso de “El Almohadón de Pluma”.

Assim, para celebrar os 100 anos de “El Almohadón de Pluma” – título definitivo do conto, tal como o publicou seu autor em 1917 nas páginas de *Cuentos de Amor de Locura y de Muerte* (assim mesmo, sem vírgula

no título do livro e com a *pluma* em singular no nome do conto) – é que apresentamos esta nova tradução, que leva em conta a última correção em vida do autor.

Nessa nova tradução, optou-se por traduzir o nome da personagem, de *Alicia* para *Alice*, para não perder a referência presente no original à personagem de Lewis Carroll, outra célebre sonhadora; seu marido, entretanto, teve o nome mantido no original, *Jordán*, pois seu aportuguesamento não traria qualquer ganho ao leitor. Ocioso seria dizer que se buscou evitar as atrocidades infelizmente presentes nalgumas edições nacionais que transformaram o travesseiro da jovem em uma incômoda “almofada” (*sic*), e o “antropóide” de suas visões em “macaco” (*sic*). A edição escolhida para a tradução foi a crítica, considerada definitiva, publicada em 1996, cujo texto foi cuidadosamente estabelecido por Pablo Rocca e Napoleón Baccino Ponce de León<sup>8</sup>.

O que se celebra nestes 100 anos é um ponto importante da trajetória de um escritor em busca de si mesmo e de seus leitores. Que os reencontre nestas páginas paulistanas da *Revista USP*, que circule sua centenária narrativa, que siga dialogando também no Brasil com seus mestres Tchêkhov, Poe, que reencontre o amigo Monteiro Lobato, que o levou ao Butantã em 1921, que possa apresentar-se ao Mário de Andrade que, tendo lido os vanguardistas argentinos, não o pôde ler – questões de geração. Buscou-se aqui a tradução de um conto e, se possível, a tradução e a atualização de uma tradição, o restabelecimento e a ampliação dos diálogos impossíveis.

5 Trata-se de uma releitura de um conto de Quiroga – “El Salvaje” – no qual se pode ver a influência do fantástico de Poe.

6 “[...] Luis Pardo, então chefe de redação de *Caras y Caretas*, foi quem exigiu o conto breve até um grau inaudito de severidade. O conto não deveria ultrapassar então uma página, incluindo a ilustração correspondente. Tudo o que tinha o contista para caracterizar seus personagens, colocá-los no ambiente, arrancar o leitor de seu marasmo habitual, interessá-lo, impressioná-lo, sacudi-lo, era apenas uma estreita página. Melhor ainda: 1.256 palavras [...]”. Em tais condições de execução, não devia faltar nem sobrar ao conto uma só palavra. [...] O autor destas linhas, também contista, deve a Luis Pardo o fracasso de muitos contos, por falta de extensão; mas deve-lhe também em grande parte o mérito dos que resistiram” (Quiroga, “A Crise do Conto Nacional”, in *La Nación*, Buenos Aires, 11 de março de 1928).

7 “Eu comecei a escrever em 1901. Nesse ano, *La Alborada* de Montevideu me pagou três pesos por uma colaboração. Desde esse instante, pois, decidi ganhar a vida escrevendo. No ano seguinte, e já em Buenos Aires, *El Gladiador* me retribuía com quinze pesos um trabalho, para alcançar, com *Caras y Caretas*, em 1906, vinte pesos. [...] Durante os 26 anos que correm desde 1901 até a presente data [1928], ganhei com minha profissão doze mil e quatrocentos pesos. Esta quantia em tal prazo corresponde a um salário de trinta e nove pesos e setenta e cinco centavos por mês. Vale dizer que se eu, escritor dotado de certas condições e de quem é presumível crer que nasceu para escrever, por constituir a arte literária sua notória atividade mental – quer dizer então que se eu devesse ganhar a vida exclusivamente com aquela atividade, teria morrido aos sete dias de iniciar-me em minha vocação, com as entranhas roídas” (Quiroga, “A Profissão Literária”, in *El Hogar*, ano 24, Buenos Aires, nº 951, 6 de janeiro de 1928).

8 Horacio Quiroga, *Todos los Cuentos*, ed. crítica, coord. Napoleón Baccino Ponce de León e Jorge Laforgue, 2ª ed., São Paulo, Allca XX/Edusp, 1996.



# CARAS Y CARETAS

AÑO X

BUENOS AIRES, 13 DE JULIO DE 1907

N.º 458

## LO QUE SERÁ LA CONFERENCIA DEL NORTE



—La demarcacion de los campos de ustedes es cosa hecha. Lo esencial es que el arrendatario Figueroa no se pase de los límites del arroyo del medio, y yo me encargo de eso.

DA  
TERIOR  
50  
RES



# EL ALMOHADÓN DE PLUMAS



La luna de miel fué un idilio grave, mucho más de lo que ella había temido. Rubia, angelical, tímida y concentrada, el carácter duro de su marido heló sus soñadas niñerías de novia. Lo quería mucho, sin embargo, á veces con un ligero estremecimiento cuando volviendo de noche juntos por la calle, echaba una furtiva mirada á la alta estatura de Jordán, mudo desde hacía una hora. El, por su parte, la amaba profundamente sin dárlo á conocer.

Durante tres meses—se habían casado en abril—vivieron una dicha especial. Tal vez ella hubiera deseado menos severidad en ese rígido cielo de amor, más expansivo, celeste é incauta dulzura; pero el seco semblante de su marido la contenía en seguida.

La casa en que vivían influía no poco en sus estremecimientos. La blancura del patio silencioso—frisos, columnas y estatuas de mármol—producía una otoñal impresión de palacio encantado. Dentro, el brillo glacial del estuco, sin el más leve rasguño en las altas paredes, afirmaba aquella sensación de desapacible frío. Al cruzar de una pieza á otra, los pasos hallaban eco en toda la casa, como si un largo abandono hubiera sensibilizado su resonancia.

En ese extraño nido de amor, Alicia pasó todo el otoño. No obstante, había concluido por dormirse sobre sus antiguos sueños, y aun vivía dormida en la casa, hostil, sin querer pensar en nada hasta que llegaba su marido.

No es raro que adelgazara. Tuvo un ligero ataque de influenza que se arrastró insidiosamente días y días; Alicia no se reponía nunca. Al fin una tarde pudo salir al jardín apoyada en el brazo de él. Miraba indiferente á uno y otro lado. De pronto Jordán, con honda ternura, le pasó la mano por la cabeza, y Alicia rompió en seguida en sollozos, echándole los brazos al cuello. Lloró largamente todo su dolor callado, redoblando su llanto á la menor tentativa de caricia. Luego los sollozos fueron retardándose, y aun quedó largo rato escondida en su cuello, recogiendo sus lágrimas.

Fué ese el último día que Alicia estuvo levantada. Al día siguiente amaneció desvanecida. El médico de Jordán la examinó con detención, observándola fijamente mientras la preguntaba. Ordenó calma y descanso absolutos.

—No sé—le dijo á Jordán en la puerta de calle, con la voz todavía baja.—Tiene una gran debilidad que no me explico, y sin vómitos, nada... Si mañana se despierta como hoy, llámeme en seguida.

Al otro día Alicia seguía peor. Hubo consulta. Constatóse una anemia de marcha agudísima, completamente inexplicable. Alicia no tuvo más desmayos, pero se iba visiblemente á la muerte. Todo el

día el dormitorio estaba con las luces prendidas y en pleno silencio. La sirvienta entraba en puntas de pie. Pasábanse horas sin oír el menor ruido. Alicia dormitaba. Jordán vivía casi en la sala, también con toda la luz encendida. Paseábase sin cesar de un extremo á otro, con incansable obstinación. La alfombra ahogaba sus pasos. A ratos entraba en el dormitorio y proseguía su sordo paseo á lo largo de la cama, mirando á su mujer cada vez que caminaba en su dirección.

Pronto Alicia comenzó á tener alucinaciones, confusas y flotantes al principio, y que descendieron luego á ras del suelo. La joven, con los ojos desmesuradamente abiertos, no hacía sino mirar la alfombra á uno y otro lado del respaldo de la cama. Una noche se quedó de repente mirando fijamente. Al rato abrió la boca para gritar y sus narices y labios se perlaron de sudor.

—¡Jordán!—llamó en voz baja.—¡Jordán!—repitió en seguida, rígida de espanto, sin dejar de mirar la alfombra.

Jordán, que no había oído la primera vez, corrió al dormitorio, y al verlo aparecer Alicia dió un grito de horror.

—¡Soy yo, mi hija, soy yo!

Alicia lo miró con extravió, miró la alfombra, volvió á mirarlo, y después de largo rato de esta dolorosa confrontación se serenó. Sonrió y tomó entre las suyas la mano de su marido, acariciándola tímidamente.

Entre sus alucinaciones más porfiadas, hubo un perro negro sentado en medio de la alfombra, que tenía clavados en ella los ojos fijos, brillantes y húmedos, como cuando están con hambre al lado nuestro, mirándonos comer.

Los médicos volvieron inútilmente. Había allí delante de ellos una vida que se acababa, desangrándose día á día, hora á hora, sin saber absolutamente como. En la última consulta Alicia yacía en estupor mientras ellos la pulsaban, pasándose de uno á otro la muñeca inerte. La observaron largo rato en silencio y pasaron al comedor. Jordán los miró fijamente.

—Pst...—se encogió de hombros desalentado su médico, apartando la vista—es un caso serio... poco hay que hacer...

Jordán sopló con amargura.

—¡Sólo eso me faltaba!—respondió. Y tamborileó bruscamente sobre la mesa.

Alicia fué extinguiéndose en subdelirio de anemia, agravado de tarde, pero que remitía siempre en las primeras horas. Durante el día no avanzaba su enfermedad, pero cada mañana amanecía lívida, en síncope casi. Parecía que únicamente de noche se le fuera la vida en nuevas olas de sangre. Tenía siempre al despertar la sensación de estar desplomada en la cama con un millón de kilos encima. Desde el tercer día este hundimiento no la abandonó más. Apenas podía mover la cabeza. No quiso que le tocaran la cama, ni aun que le arreglaran el almohadón. Sus terrores crepusculares parecieron avanzar hacia ella poco á poco, salir uno á uno de los rincones, monstruos redondos con garras, que subían por la colcha hasta concentrarse todos en el almohadón. Sus mismas ideas lúcidas concluyeron por girar alrededor de él.

—¡Pobre!—dijo sonriendo una mañana á su marido, mientras acariciaba aquél con su mano flaquísima.—¡Le tengo un cariño!... Me parece que toda mi vida está aquí dentro, que se va en él...

Y se fué. Sus últimas caricias fueron para el al-



mohadón. En seguida perdió el conocimiento. Los días finales deliró sin cesar pesadamente. Las luces continuaban fúnebremente encendidas en el dormitorio y la sala. En el silencio agónico de la casa, no se oía más que el delirio monótono que salía de la cama y el rumor ahogado de los eternos pasos de Jordán. La atmósfera pesada olía ya á flores.

El 5 de julio, á las 7 de la mañana, Alicia murió. Esa tarde, la sirvienta que había entrado á deshacer la cama, sola ya, miró un rato extrañada el almohadón.

— Señor — se volvió á Jordán en voz baja — en el almohadón hay manchas que parecen de sangre.

Jordán se acercó rápidamente y se dobló á su vez. Efectivamente, sobre la funda, á ambos lados del hueco que había dejado la cabeza de Alicia, se veían diminutas manchas de sangre.

— Parecen picaduras — murmuró la sirvienta después de un rato de inmóvil observación.

— Levántelo á la luz — le dijo Jordán.

La sirvienta lo levantó, pero en seguida le dejó caer, y se quedó mirando á aquél, pálido y temblando. Sin saber porqué, Jordán sintió que los cabellos se le erizaban.

— ¿Qué hay? — murmuró con la voz ronca.

— Pesa mucho — lo miró la sirvienta. Jordán lo levantó: pesaba extraordinariamente. Salieron con él y sobre la mesa del comedor Jordán cortó funda y envoltura de un tajo. Las plumas superiores volaron, y la sirvienta dió un grito de

horror con toda la boca abierta, llevándose las manos crispadas á los bandós: — sobre el fondo coloreado, moviendo lentamente las patas velludas, había un animal monstruoso, una bola viviente y viscosa. Estaba tan hinchado que apenas se le pronunciaba la boca.

Noche á noche, desde que Alicia había caído en cama, había aplicado sigilosamente su boca — su trompa, mejor dicho — á las sienas de aquélla, chupándole la sangre. La picadura era casi imperceptible. La remoción diaria del almohadón había impedido sin duda su desarrollo, pero desde que la joven no pudo moverse, la succión fué vertiginosa. En cinco días, en cinco noches, había vaciado á Alicia.

Estos parásitos de las aves, diminutos en el medio habitual, llegan á adquirir en ciertas condiciones proporciones enormes. La sangre humana parece serles particularmente favorable, y no es raro hallarlos en los almohadones de pluma.

HORACIO QUIROGA.

Dib. de Fernández Peña.



## O TRAVESSEIRO DE PENA

Tradução de Wilson Alves-Bezerra

Sua lua-de-mel foi um longo calafrio. Loura, angelical e tímida, o caráter duro de seu marido gelou suas sonhadas fantasias de noiva. Entretanto ela gostava muito dele, mesmo que, às vezes, com um leve estremecimento quando, voltando juntos à noite pela rua, ela lançava algum olhar furtivo à alta estatura de Jordán, mudo já há uma hora. Ele, por sua vez, amava-a profundamente sem, no entanto, dar disso qualquer mostra.

Durante três meses — casaram-se em abril — viveram uma felicidade especial. Sem dúvida ela houvera desejado menos severidade nesse rígido céu de amor; mais expansiva e descuidada ternura; mas o impassível semblante de seu marido sempre a detinha.

A casa em que viviam influenciava não pouco em seus estremecimentos. Abrancura do quintal silencioso — frisos, colunas e estátuas de mármore — produzia uma outonal



impressão de palácio encantado. Dentro, o brilho glacial do estuque, sem o mais leve arranhão nas altas paredes, acentuava aquela sensação de desagradável frio. Ao passar de um cômodo a outro, os passos encontravam eco por toda a casa, como se um profundo abandono houvesse sensibilizado sua ressonância.

Nesse estranho ninho de amor, Alice passou todo o outono. Havia terminado, não obstante, por lançar um véu sobre seus antigos sonhos, e ainda vivia adormecida na casa hostil sem querer pensar em nada até chegar seu marido.

Não é de se estranhar que emagrecesse. Sofreu um ligeiro ataque de *influenza* que se arrastou insidiosamente por dias e dias; Alice não se restabelecia nunca. Ao fim de uma tarde pôde sair ao jardim apoiada ao braço de seu marido. Olhava com indiferença a um e outro lado. De repente, Jordán, com profunda ternura, passou-lhe lentamente a mão pela cabeça, e Alice desfez-se em lágrimas, lançando-lhe os braços ao pescoço. Chorou longamente todo seu espanto calado, aumentando o pranto à mais leve carícia de Jordán. Logo os soluços foram diminuindo, e ela ainda ficou alguns instantes escondida em seu peito sem mover-se ou pronunciar palavra.

Foi esse o último dia em que Alice esteve em pé. No dia seguinte amanheceu desvanecida. O médico de Jordán examinou-a com extrema atenção, ordenando-lhe calma e repouso absolutos.

– Não sei – disse a Jordán na porta da rua. Ela tem uma fraqueza tão grande que não entendo. É sem vômitos, nada... Se amanhã ela despertar como hoje, telefone imediatamente.

No dia seguinte, Alice amanheceu pior. Houve consulta. Foi constatada uma anemia crescente e agudíssima, completamente inexplicável. Alice não teve mais desmaios, mas rumava visivelmente à morte. Durante todo o dia o quarto ficou com as luzes acesas e em total silêncio. Passavam-se horas sem que se ouvisse o menor ruído. Alice permanecia meio adormecida. Jordán quase vivia na sala, com todas as luzes também acesas. Caminhava sem parar de um lado

para o outro, com incansável obstinação. O tapete silenciava seus passos. De tempos em tempos entrava no dormitório e prosseguia seu mudo vaivém ao longo da cama, detendo-se um instante em cada extremo para observar sua mulher.

Logo Alice começou a ter alucinações, confusas e flutuantes a princípio, mas que logo desceram rente ao chão. A jovem, com os olhos desmesuradamente abertos, não fazia senão olhar a um e outro lado do tapete sob a cabeceira da cama. Numa noite ficou de repente com o olhar fixo. Depois abriu a boca para gritar, e seu nariz e lábios brilharam de suor.

– Jordán! Jordán! – gritou, rígida de espanto, sem deixar de olhar para o tapete.

Jordán correu para o quarto e, ao vê-lo aparecer, Alice lançou um alarido de horror.

– Sou eu, Alice, sou eu!

Alice contemplou-o, ausente, olhou para o tapete, voltou a olhá-lo, e depois de um longo tempo de entorpecida confrontação voltou a si. Sorriu e tomou entre as suas a mão do marido, acariciando-a por meia hora, tremendo.

Entre suas alucinações mais recorrentes, houve um antropóide apoiado no tapete sobre os dedos, que tinha fixos nela os olhos.

Os médicos voltaram inutilmente. Havia ali diante deles uma vida que se acabava, sangrando-se dia a dia, hora a hora, sem que soubessem realmente como. Na última consulta, Alice jazia em estupor enquanto lhe tomavam o pulso, passando de um a outro o seu braço inerte. Observaram-na longamente em silêncio e foram para a sala de jantar.

– Pst... – Deu de ombros o desalentado médico. É um caso inexplicável... Não há quase nada a ser feito...

– Só me faltava essa! – suspirou Jordán. E tamborilou bruscamente na mesa.

Alice foi se extinguindo em subdelírio de anemia que se agravava durante a tarde, mas que melhorava às primeiras horas. Durante o dia sua enfermidade não avançava, mas a cada manhã amanhecia pálida, quase em síncope. Parecia que unicamente à noite a

vida lhe escapava em novas ondas de sangue. Tinha sempre ao despertar a sensação de estar esmagada na cama com um milhão de quilos em cima. Desde o terceiro dia, esse aniquilamento não a abandonou mais. Mal podia mover a cabeça. Não quis que tocassem na sua cama, nem que lhe arrumassem o travesseiro. Seus terrores crepusculares avançavam agora em forma de monstros que se arrastavam até a cama, e subiam com dificuldade pela colcha.

Logo perdeu a consciência. Nos dois dias finais delirou sem cessar, a meia-voz. As luzes continuavam funebremente acesas no quarto e na sala. No silêncio agônico da casa, não se ouvia mais que o delírio monótono que vinha da cama, e o surdo retumbar dos eternos passos de Jordán.

Alice morreu, por fim. A empregada, quando entrou depois para desfazer a cama, já sozinha, olhou com espanto o travesseiro.

– Senhor! – chamou Jordán em voz baixa. O travesseiro tem umas manchas que parecem de sangue.

Jordán aproximou-se rapidamente e inclinou-se sobre o travesseiro. De fato, sobre a fronha, de ambos os lados da marca que havia deixado a cabeça de Alice, viam-se pequenas manchas escuras.

– Parecem picadas – murmurou a empregada depois de um instante de imóvel observação.

– Coloque-o na luz – disse a ela Jordán. A empregada levantou o travesseiro; mas

em seguida deixou-o cair, e ficou olhando, pálida e tremendo. Sem saber por quê, Jordán sentiu seus cabelos se arrepiarem.

– Que foi? – murmurou com a voz rouca.

– Pesa muito – balbuciou a empregada, sem parar de tremer.

Jordán levantou o travesseiro; pesava extraordinariamente. Saíram com ele e, sobre a mesa da sala de jantar, Jordán cortou a fronha e a capa com um só golpe. As penas de cima voaram, e a empregada deu um grito de horror com a boca totalmente aberta, levando as mãos crispadas à cabeça. No fundo, entre as penas, movendo lentamente as patas peludas, havia um animal monstruoso, uma bola viva e viscosa. Estava tão inchado que só se notava a boca.

Noite após noite, desde que Alice havia caído de cama, aplicara sua boca – sua tromba, melhor dizendo – às têmporas de Alice, chupando-lhe o sangue. A picada era quase imperceptível. A remoção diária do travesseiro teria, sem dúvida, impedido a princípio seu desenvolvimento; mas a partir do momento em que a jovem já não conseguia se mover, a sucção foi vertiginosa. Em cinco dias, em cinco noites, o monstro havia esvaziado Alice.

Esses parasitas de aves, diminutos em seu meio habitual, chegam a adquirir em certas condições proporções enormes. O sangue humano parece ser-lhes particularmente favorável, e não é raro encontrá-los nos travesseiros de pena.